

Banqueiro alerta para risco de expansão desordenada

São Paulo — O vice-presidente executivo do Bradesco, Fernão Carlos Botelho Bracher, fez um alerta ontem ao próximo Presidente da República para os riscos de promover uma rápida e desordenada expansão da economia logo no início do governo, para, mais tarde, ter que forçar uma recessão, devido ao “estouro” das metas previstas para a expansão dos meios de pagamento, da inflação e do déficit público.

Idêntico pensamento foi manifestado pelo presidente da Andima e diretor do Banco Econômico, Carlos Brandão, no II Encontro Anual dos Executivos Financeiros, onde ambos fizeram palestras e participaram de debates. A maior preocupação de Carlos Brandão é com relação ao contínuo crescimento da inflação, daí ter sugerido ao futuro Presidente, que ele acredita ser Tancredo Neves, que “coloque antes o pé no freio, evitando principalmente a expansão do déficit público”.

Mais dinheiro novo

Bracher citou como exemplo de “erros administrativos” as políticas econômicas de alguns recentes governos dos Estados Unidos — antes de Ronald Reagan — que iniciaram suas respectivas gestões com grandes expansões da demanda. “Todos chegaram ao fim do governo tendo que fazer exatamente o contrário, sob o risco de prejudicar a economia, mas com sérios problemas políticos em termos de credibilidade junto aos eleitores. Já Reagan fez o contrário, só promoveu a expansão econômica no fim, e me parece que se deu muito bem”, acrescentou.

Mais uma vez o vice-presidente do Bradesco, instituição promotora do encontro dos executivos financeiros, defendeu a tese de o Brasil

voltar a tomar **fresh money** (mais empréstimos) no mercado financeiro internacional, para atender as suas necessidades em 1985. A tese contraria os planos das atuais autoridades econômicas, que acham que as reservas cambiais (superiores a 6 bilhões de dólares), serão suficientes.

— Vamos continuar precisando de dinheiro novo, pois não devemos “queimar as reservas, consideradas um grande trunfo em qualquer renegociação da dívida — observou Fernão Bracher. Para ele, o país precisa ter sempre um nível de reservas cambiais equivalente a três meses de importações, o que significa uma quantia pouco superior a 4 bilhões de dólares.

Ele sugeriu ainda que, nas próximas rodadas de renegociação da dívida externa, o Brasil siga o exemplo do México. “O país já está maduro para estabelecer também planejamentos plurianuais para a renegociação”, admitiu. Mas, de qualquer forma, considera que o Brasil, ainda que ganhe um governo disposto a ser duro nas conversações, “tem que fazer de tudo para não afetar negativamente o sistema financeiro internacional. Os bancos privados estrangeiros sempre nos ajudaram e podem continuar ajudando muito no futuro. Portanto, todo o cuidado é pouco”.

Já o presidente da Andima, Carlos Brandão, preocupado com as perspectivas de crescimento da inflação interna, sugeriu ainda que o novo governo, “que deverá ser esta Oposição que está aí, deverá até mesmo preocupar-se com a formação de um pacto social. Isto pode no início comprometer os planos de expansão da economia, de geração de novos empregos, mas certamente controlará a inflação, o que no final resultará em benefícios para todos”.